

A REPRESENTAÇÃO DO BIOMA CAATINGA ATRAVÉS DO ESTUDO DO MEIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Eduardo Ernesto do Rêgo.

Doutorando em Geografia – PPGG/Universidade Federal da Paraíba.

E-mail: ernestovirtual@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca apresentar algumas reflexões a cerca da importância do estudo do meio na disciplina de geografia, e na representação do bioma Caatinga, visto que na atualidade mesmo com todos os avanços metodológicos presentes na educação, o estudo do meio ainda não tem sido muito valorizado pelos professores do ensino Fundamental II, uma vez que muitos ainda associam a idéia de que a educação só deve ocorrer dentro dos muros da escola. Nesse contexto, o artigo pretende discutir a importância da realização do estudo do meio no ensino de geografia no Fundamental II, e na representação do bioma Caatinga. Também pretende sugerir os procedimentos metodológicos para o planejamento, execução, e avaliação da atividade. Do ponto de vista metodológico, por se tratar de um artigo de cunho bibliográfico, realizamos uma ampla pesquisa em diversas fontes para amadurecermos os conceitos de estudo do meio, ensino de geografia, e bioma Caatinga, onde tomamos como base os seguintes referencias teóricos: ALENTEJANO (2006), PONTUSCHKA (2007), CALLAI (1988), SUERTEGARAY (2002), (CONTI; FURLAN, 2008), SILVA (2003), entre outros. Após as reflexões esperamos contribuir para que o estudo do meio seja percebido pelos professores de geografia como uma estratégia essencial no processo de ensino/aprendizagem, e na representação do bioma Caatinga no ensino Fundamental II.

Palavras - chave: Estudo do meio. Ensino de geografia. Bioma Caatinga.

1- INTRODUÇÃO

A partir da década de 1970 o ensino de geografia tem abandonado a postura tradicional onde o professor fazia apenas uso do giz, da lousa, de globos terrestres, e planisférios, para ministrar suas aulas. Com o a evolução das geotecnologias, da aerofotogrametria, e do sensoriamento remoto podemos presenciar na atualidade uma mudança metodológica no tocante a realização de aulas mais

ricas em informação e com um maior auxílio do aparato didático-tecnológico disponível na contemporaneidade (ALENTEJANO, 2006).

Nesse sentido, o estudo do meio pode ser considerado como uma prática educativa que exercita a construção do conhecimento no ensino Fundamental II, portanto, é uma metodologia de ensino que busca trabalhar a realidade local dos alunos além dos muros da escola, fazendo com que esses possam despertar para a realização de uma leitura crítica da realidade e para a busca de sua autonomia, pensando dessa forma em ações de intervenção para o exercício de sua cidadania (PONTUSCHKA, 2007).

No estudo do meio o professor realiza a pesquisa em parceria com os seus alunos do meio que os cerca. Nessa metodologia devem ser desenvolvidas principalmente as habilidades de observação, da leitura crítica da realidade. É uma prática pedagógica relativamente antiga e que surgiu inspirada principalmente em dois educadores, sendo eles Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Célestin Freinet (1896-1966), Através dos Estudos do Meio esses educadores pretendiam colocar seus educandos em contato mais direto com a realidade estudada (PONTUSCHKA, 2004).

No Brasil, mesmo tendo registros de que essa prática metodológica já era realizada em algumas escolas militares fundadas no início do século XX por imigrantes europeus membros do movimento anarquista, essa metodologia só veio de fato a se popularizar a partir de 1960 com o advento da tendência pedagógica conhecida como Escola Nova. Entanto a censura e a repressão política praticada durante todo esse período militar fizeram com que os Estudos do Meio fossem terminantemente proibidos, principalmente nas escolas públicas, essa decisão veio a se consolidar com o advento do arbitrário Ato Institucional n. 5 (AI-5) baixado em 13 de dezembro de 1968 (PONTUSCHKA, 2004).

A partir da década de 80 e 90, o processo de redemocratização do Brasil aliado a crise do governo militar, fizeram com que os Estudos do Meio voltassem a ser praticados pelos educadores e pelas instituições de ensino tanto da rede privada como da rede pública, constituindo-se como uma metodologia de ensino importante por conseguir integrar as várias áreas do conhecimento e por conseguir obter resultados positivos e significativos no processo de ensino/aprendizagem principalmente naquele momento tão delicado de reestruturação social, política e educacional pelo qual passava o Brasil (PONTUSCHKA, 2004).

No ensino de Geografia (na perspectiva crítica surgida a partir de 1970) o estudo do meio no segmento do ensino fundamental II, é uma ferramenta essencial por inúmeros fatores dentre eles destacamos a importância dessa metodologia no estabelecimento de uma maior compreensão do



espaço geográfico e suas várias nuances, tendo em vista que essa prática pedagógica objetiva entre outros fatores a formação de uma atitude investigativa perante o espaço geográfico e suas contradições sociais, políticas, econômicas e ambientais. A partir desta atividade os alunos também passam a compreender melhor os conceitos trabalhados nesta disciplina (CALLAI, 1988).

2- A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR A REPRESENTAÇÃO DO O BIOMA CAATINGA NO ENSINO FUNDAMENTAL II NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA.

A Caatinga, que na língua tupi quer dizer mata branca, é um bioma exclusivamente brasileiro que ocorre de forma predominante nos sertões-áridos do Nordeste. Esse bioma abrange cerca de 800 mil km^2 do território nordestino, o que corresponde aproximadamente 11% do território nacional.

Por ser um bioma ainda pouco conhecido, especialmente pelos alunos do ensino Fundamental II que residem no semiárido¹ brasileiro, o estudo do meio pode se constituir como uma ferramenta essencial para que os professores possam abordar nas atividades desenvolvidas em campo os conteúdos trabalhados em sala de aula sobre as características fitogeográficas, naturais e sociais presentes na Caatinga.

Conti e Furlan (2008, p. 174) definem a Caatinga da seguinte forma:

São matas secas, abertas, decíduais, que se desenvolvem em clima cuja estação de chuvas é bem marcada e cujo volume anual de unidade está abaixo de 700 mm. As matas são muito ricas em espécies. Seu desenvolvimento se dá sobre um solo fértil que pode ser arenoso ou pedregoso (litossolos).

Em se tratando dos tipos de vegetação apresentados na Caatinga, podemos constatar uma grande variação conforme os tipos de plantas encontrados em diferentes áreas compostas por este bioma. Segundo Conti e Furlan (2008, p. 176), essa vegetação pode ser distinguida em cinco tipos diferentes, são eles:

¹ Segundo Silva (2003), O semi-árido brasileiro é o maior do mundo em termos de extensão e de densidade demográfica. Segundo a última delimitação feita pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a área de domínio do semi-árido abrange 895.931,3 km^2 (10,5% do território nacional), corresponde a 86% da região Nordeste, nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia; e mais a região setentrional de Minas Gerais. Uma atualização da área de abrangência do semi-árido, realizada em 1999 pela Sudene, identificou 1.031 municípios, com uma população total de 21 milhões de pessoas (cerca de 13,5% da população brasileira).

Caatinga seca não-arbórea: as associações vegetais crescem em grupos, mas não formam dossel. Há grande predomínio de cactáceas e não ocorrem árvores. *Caatinga seca arbórea:* predominam o pau-pereiro e arbustos isolados. *Caatinga arbustiva densa:* são bosques com árvores isoladas. É o tipo mais amplamente distribuído. *Caatinga de relevo mais elevado:* são bosques densos com pluviosidade alta. *Caatinga do chapadão do Moxotó:* é um tipo especial de caatinga que ocorre nesse planalto arenoso, com muitas cactáceas arbóreas em forma de “candelabros”.

Diante das peculiaridades e da importância dessa vegetação para a população residente no semiárido nordestino, ao abordar suas características através do estudo do meio, o professor de geografia estará propiciando aos alunos do ensino fundamental II aprimorar o seu olhar relacionado às características fitogeográficas, humanas e sociais existentes na Caatinga, sendo também de extrema importância para que esses alunos possam: conhecer, valorizar, e principalmente ajudar a preservar esse bioma que vem sendo ameaçado pelas queimadas, pelo desmatamento, e pelo risco eminente da desertificação. Ao contribuir para a preservação da Caatinga os alunos também estarão exercendo a cidadania e o pensamento crítico que é defendido pela proposta pedagógica do estudo do meio.

3- COMO PLANEJAR, EXECUTAR, E AVALIAR, O ESTUDO DO MEIO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA?

Para que o estudo do meio possa de fato resultar em êxito no processo de ensino e aprendizagem, Pontuschka (2007) aponta ser necessária a realização de um minucioso e rigoroso, porém flexível, planejamento prévio que envolva dentre outros fatores os seguintes elementos: a) a escolha da uma área, ou seja, do espaço a ser estudado, que pode ser desde as adjacências da unidade escolar ou até mesmo em algumas áreas privilegiadas municipais ou intermunicipais. b) A escolha do conteúdo a ser trabalhado, que deve ser pensado de forma coletiva pelos docentes envolvidos, possibilitando dessa forma uma abordagem interdisciplinar de um mesmo objeto de estudo. c) Outro passo a ser seguido na realização do estudo do meio é o estabelecimento prévio do roteiro e do cronograma das atividades a serem desenvolvidas durante o trabalho de campo. Nesse roteiro o percurso deve está descrito e deverá está ao alcance dos participantes. d) Os participantes também devem ter em posse textos auxiliares tratando do conteúdo e da área em estudo, e materiais de apoio ao trabalho de campo, a exemplo de mapas, caderno de anotações, roteiros de entrevistas,

desenhos e croquis da área, dentre outros, onde também citamos a posse de GPS e demais recursos tecnológicos disponíveis na atualidade.

Após o planejamento prévio minucioso realizado a partir do estudo do meio baliza-se a prática de campo como a etapa onde acontecerá a pesquisa in loco da área a ser estudada, ou seja, aonde os professores conduzirão seus alunos para o local de pesquisa por meio do trabalho de campo na área previamente selecionada. É o momento privilegiado onde o aluno torna-se um pesquisador e se observa diante de uma valorosa investigação geográfica do meio que o cerca e do qual ele é parte integrante (SUERTEGARAY, 2002).

A execução do trabalho de campo propriamente dito, não pode ser encarada como um horário de ócio, ou como uma atividade de lazer ou entretenimento, por parte dos alunos, sendo necessário o entendimento dos mesmos sobre a relevância da atividade para o seu processo de ensino/aprendizagem e para a assimilação da teoria de sala de aula com a prática vivenciada em campo (PONTUSCHKA, 2007).

Pelo exposto, o trabalho de campo revela os movimentos escamoteados no espaço, as inter-relações entre os seres humanos com os demais seres humanos, e desses com o ambiente natural, social, cultural, político e econômico. É uma prática reveladora de muitos aspectos dialéticos que dentro dos muros da escola, talvez fossem impossíveis de serem postos com tanta evidência e compreendidos com tamanha clareza. Segundo Pontuschka (2007), a compreensão do meio passa por uma geografia viva e para desvendar os segredos dessa geografia viva, torna-se necessário ir a campo.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nossas reflexões acerca do estudo do meio na disciplina de geografia, é possível afirmar que quando bem trabalhada pelo professor, essa prática didático/metodológica lhe permite desenvolver aulas dinâmicas, atraentes e de grande importância no processo de ensino/aprendizagem para os alunos.

Nesse artigo, sugerimos o estudo do meio como uma estratégia para os professores de geografia abordar o conteúdo relacionado ao bioma Caatinga no ensino Fundamental II, entretanto, estes professores também podem trabalhar outros conteúdos da grade curricular da disciplina adotando essa mesma metodologia de ensino.

Destarte, cabe ao professor de geografia comprometido com os novos saberes, buscar se aperfeiçoar e encontrar formas de interagir com os seus alunos de forma criativa e pró-ativa, visando como resultado didático/metodológico final facilitar à transmissão dos conteúdos eminentes a disciplina em questão.

5- REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. **Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?**. IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 51 – 68, 2006. Disponível em:< www.agbsaopaulo.org.br/>. Acesso em: 17 ago. 2014.

CALLAI, H. C. et al. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí: Unijuí, 1988.

CONTI, José Bueno; FURLAN, Sueli Angelo. **Geoecologia: O clima, os solos e a biota**. In: ROSS, Jurandyr L. Sanches (org). **Geografia do Brasil**. 5ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, N. N. **O conceito de estudo do meio transforma-se em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes**. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

SILVA, R. M. A. da. **Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido**. Soc. estado. vol. 18 n.12 Brasília Jan./Dec. 2003.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Geografia física e geomorfologia: Uma (re)leitura**. Injuí: Unijuí, 2002.